

ELSINORE

Vencedor do Prémio
Femina Étranger

O QUE
RESTA
DA
NOSSA
VIDA

ZERUYA SHALEV

CAPÍTULO I

Será que o quarto se tornou maior ou foi ela que encolheu? Porque este é o quarto mais pequeno do minúsculo apartamento, pequeno como um ovo, mas agora que está confinada à cama de manhã à noite, a sua dimensão parece ter aumentado tanto que, para chegar à janela, seriam necessárias centenas de passos, dezenas de horas, sabe-se lá se a sua vida chegaria. O que lhe resta de vida, há que dizer, a reta final da parcela de tempo que lhe foi concedida na Terra, parcela que, por mais absurdo que seja, parece ter-se tornado infinita, pois no estado de imobilidade em que está a sensação é a de que assim se manterá para sempre. É verdade que está magra e ressequida, leve como um espectro, a mais ínfima corrente de ar pode arrebatá-la da cama, só o peso da manta a impede de pairar pelo quarto, e o menor sopro pode quebrar o derradeiro fio que a prende à vida; mas quem o soltará, quem se dará ao trabalho de respirar na sua direção?

Sim, condenada a uma vida eterna pela amarga indiferença dos seus, passará ainda anos e anos deitada na cama, debaixo da manta

pesada, vendo os filhos envelhecerem e os netos tornarem-se homens. Compreende subitamente que até para morrer é necessário um esforço, uma certa vitalidade do futuro defunto ou dos que o rodeiam, um envolvimento pessoal, uma agitação ansiosa, como na preparação para uma festa de aniversário. Também para morrer é necessário algum amor, e ela já não é suficientemente amada, e se calhar também já não ama o suficiente, nem sequer para isso.

Não é que não apareçam, quase todos os dias um deles vem visitá-la, senta-se no sofá à sua frente, pergunta-lhe pela saúde, mas ela pressente um rancor antigo, repara nos olhares de relance para o relógio, no suspiro de alívio quando o telefone toca. A voz deles muda instantaneamente, torna-se enérgica e viva, o riso irrompe da garganta, estou em casa da minha mãe, dizem finalmente ao interlocutor com um revirar de olhos compungido, ligo quando sair, e então voltam novamente para ela a sua atenção vazia, condescendem em perguntar alguma coisa, mas não escutam o que ela diz, e ela, por seu lado, paga-lhes com respostas cansadas, relata pormenorizadamente o que o médico disse, enumera os medicamentos perante os seus olhares vidrados. Quem de entre nós rejeita mais o outro, eu a vocês ou vocês a mim?, reflete, transformando-os num só, os seus dois filhos, tão diferentes um do outro, que só diante dela parecem conseguir unir-se, e isso apenas recentemente, diante da velha mãe, confinada de manhã à noite à sua cama no pequeno quarto, desligada da força de gravidade.

O quarto é quadrado e exíguo, com uma única janela voltada para a aldeia árabe, na parede norte, uma velha escrivaninha, e, na voltada a sul, um armário onde estão penduradas as suas roupas, as roupas coloridas que nunca mais vestirá. Sempre se sentiu atraída, não sem um ligeiro embaraço, pelas cores fortes, pouco lhe importando os feitios, fossem túnicas compridas e largas, vestidos justos nas ancas ou saias de pregas; de qualquer modo, ainda hoje

não sabe o que melhor lhe fica, e nunca o saberá. O seu olhar vagueia pela mesinha de café redonda que a filha a obrigou a comprar há muitos anos, chorando amargamente na loja apesar de já ser uma rapariga crescida, já que foram vocês quem me obrigou a vir para este apartamento nojento, ainda por cima para o quarto mais pequeno, ao menos comprem-me mobília de que eu goste. Pára de chorar, repreendeu-a ela, estão todos a olhar para ti, mas é óbvio que acabou por ceder e, no final, carregaram ambas pelas escadas a mesa, que veio a revelar-se surpreendentemente pesada, colocaram-na neste quarto, que era o dela, mesmo ao centro, realçando com este pretensioso novo luxo a pobreza dos outros móveis.

Agora, também a mesa envelheceu, absorveu o tempo e perdeu a cor, mas as caixas de medicamentos escondem a madeira de carvalho, maciça e pesada, medicamentos que curaram infeções mas que causaram alergias, medicamentos contra alergias, medicamentos para regularizar o ritmo cardíaco, analgésicos e medicamentos para baixar a tensão arterial que a enfraqueceram de tal modo que acabou por cair e magoar-se. Desde então tem dificuldade em caminhar, por vezes tem vontade de amontoar os medicamentos numa pilha colorida, de plantar canteiros deles na cama, ordená-los por cor e com eles construir uma casinha de telhado vermelho, paredes brancas, relva verde, pai, mãe e dois filhos.

O que foi isto tudo?, pergunta-se, já nem se trata de saber porque é que tudo foi como foi ou para que serviu tudo aquilo, mas, antes, o que foi que houve, como decorreram os dias até chegar a este quarto, a esta cama, o que preencheu as dezenas de milhares de dias que treparam por aquele corpo como formigas num tronco de árvore? Devia lembrar-se, mas não se lembra. Mesmo que, com muito esforço, fosse capaz de juntar todas as recordações, como bilhetes velhos presos uns aos outros, conseguiria apenas reconstituir algumas semanas; mas onde está tudo o resto, onde estão os seus

anos todos, porque aquilo de que não se lembrar deixará de existir, talvez nunca tenha existido. Como no rescaldo de uma catástrofe, impõe-se-lhe, agora que está no fim da vida, a luta contra o esquecimento e o dever de cuidar dos mortos e dos desaparecidos, e, ao voltar a olhar para a janela, parece-lhe que ele ali a espera, o lago que morreu mesmo à sua frente, o lago nebuloso e os pântanos que o rodeiam, calmos e fumegantes, onde crescem juncos mais altos do que um homem, onde aves migratórias voam com um bater de asas agitado. É aí que está o seu lago, no coração do seu vale encastrado entre as encostas do Monte Hermon e os montes da Galileia, preso nos punhos de lava petrificada. Se conseguisse levantar-se da cama e chegar à janela seria capaz de voltar a vê-lo; tenta endireitar-se, avaliar a distância, o seu olhar vagueia da janela para as suas pernas doridas. Desde que caiu, andar parece-lhe uma espécie de flutuação perigosa, mas ele ali está, à espera do seu olhar, a lamentar-se como ela, levanta-te Hemdaleh¹, ouve o pai a encorajá-la, só mais um passo, um pequeno passo.

Ela foi o primeiro bebé nascido no *kibutz*, e todos se juntaram no refeitório para a ver dar os primeiros passos. Quer fosse pelas saudades de irmãos mais novos deixados fora do país, da sua infância interrompida pela ideologia inflexível, ou ainda do amor de pais que nunca mais tinham visto desde a partida, uns por raiva e, outros, de coração partido, todos se reuniram no refeitório que acabara de ser construído. Olhavam-na com os olhos brilhantes, incentivando-a a andar por eles, pelos velhos pais, pelos irmãos que entretanto cresceram e que daí a uns anos seriam exterminados; ela estava aterrada mas queria deixá-los felizes, de pé em cima das pernas inseguras, agarrada à mão do pai, será que já naquela época

¹ *Hemda*, lit. «prazer», «delícia», «algo precioso». Nome próprio. O sufixo *-leh* do iídiche é um diminutivo carinhoso, correspondente ao português «inho/a». [Todas as notas são da tradutora.]

os seus dedos cheiravam a peixe ou foi só mais tarde, quando passaram para o novo *kibutz* junto do lago e dos pântanos, o *kibutz* fundado para drenar o lago e os pântanos, e ei-la que lança um pé hesitante para a frente justamente no momento em que o pai larga a sua mão, todos os presentes aplaudem e batem palmas num tumulto assustador e ela cai de costas e desata a chorar sob o intransigente olhar azul celeste do pai, que a incentiva a levantar-se e a tentar de novo para mostrar a todos que é capaz, só mais um passinho, mas ela está deitada de costas, sabendo que não lhe poderá dar aquela prenda e que ele nunca lho perdoará.

A partir desse dia, e durante dois anos inteiros, recusou-se a andar. Até aos três anos era levada em braços, como uma deficiente, embora os exames não acusassem nada, e já pensavam em levá-la a um especialista na longínqua Viena; os bebês nascidos depois dela já corriam e ela continuava deitada no parque, de olhos postos na copa de uma pimenteira de ramos decorados com bolinhas vermelhas quais comprimidos, que sussurravam para ela, e ela ria para eles, eram os únicos que não a pressionavam, só eles aceitavam a sua existência silenciosa. O seu pai, atormentado pela culpa, não desistiu, levava-a em braços de médico em médico, não fosse ela ter afetado o cérebro na queda, até que um especialista em Telavive finalmente decretou, ela não tem qualquer problema no cérebro, tem pura e simplesmente medo de andar, arranje-lhe qualquer coisa que a assuste mais.

Porquê assustá-la mais?, perguntou o pai, e o médico respondeu, não há outra solução, se quer que ela comece a andar, faça com que ela tenha mais medo de si do que de caminhar. A partir daí, o seu bom pai colocava uma toalha em seu redor e, como quem segura as rédeas, obrigava-a a andar à sua frente e batia-lhe com força quando ela recusava. Faço isto por ti, Hemdaleh, murmurava numa voz rouca diante da sua cara inchada pelo choro, para que sejas como

todas as crianças, para que deixes de ter medo. Aparentemente, o tal médico tinha acertado com o seu conselho, porque semanas depois já ela dava passinhos vacilantes, o corpo em brasa das palmadas, o espírito petrificado como o de um pequeno animal num treino cruel, longe do êxito, longe da alegria, vagamente consciente de que mesmo que conseguisse andar, mesmo que conseguisse correr, já não teria para onde ir.

Longe da alegria e do êxito, e, todavia, esta manhã parece-lhe que tem para onde ir, para a janela, Hemda, para veres o teu lago a sussurrar para ti. Se vim ter contigo, sussurra ele, se reuni todas as minhas águas verdes, os peixes, as ervas e as aves migratórias, se consegui reaparecer nesta cidade de montanha, diante da tua janela, apesar do tremendo esforço investido para o meu desaparecimento, como é possível que não te levantes da cama para me ires ver à janela? Ela responde-lhe num suspiro, há apenas algumas semanas medi o corredor com os meus passos lentos, porque não vieste então? Porquê justamente agora, depois da minha queda?, mas não és só tu, desde então as coisas ou chegam tarde demais ou cedo demais; mas ele logo lhe responde, com um sopro húmido, há anos que junto gota a gota, ramo a ramo, asa a asa, apenas para aparecer novamente à tua frente, para te ver, vem a mim, Hemda, vem à janela, e ela sacode a cabeça de espanto, o que foram aqueles anos todos, para quê, se não deixaram marca, se no fim de contas ficou uma miúda pequena que apenas quer tomar banho, nua, no seu lago.

Com os dedos deformados, procura arrancar a camisa de noite, uma prenda que recebeu da filha, com desagrado. Aceitou sempre as suas prendas com má cara, por mais bonitas e generosas que fossem, magoou sempre a filha justamente nos momentos em que esta desejava agradar-lhe. Abre, mãe, insistia ela, passei horas de loja em loja até encontrar algo de que gostasses, abre lá, experimenta, gostas? Ela rasgava o bonito embrulho, apalpava e voltava

a apalpar, porque o toque suave do tecido, os cheiros estranhos que exalava e as imagens que escondia, as paisagens por onde a filha andara sem ela, tudo isso lhe despertava uma raiva súbita, e ela balbuciava, obrigada, a sério, Dina, não era preciso, dizia amachucando o embrulho vazio, surpreendida com a força da sua impaciência. Será que todas as pequenas dádivas suscitam grandes culpas, pela expectativa de uma dádiva total, ilimitada? Leva-me contigo, queria dizer-lhe, em vez de me trazeres lembranças da tua vida longe daqui, e Dina olhava-a magoada, não gostas, mãe?

Gosto, gosto demasiado, seria a resposta, adequada mas nunca dita, gosto demasiado ou demasiado pouco, tarde ou cedo demais, e voltava a embrulhar o tecido e escondia-o no armário; só passado muito tempo, quando a ofensa já estava entranhada e era tarde demais para a corrigir, vestia com fúria a prenda esquecida, camisola, lenço, camisa de noite com flores cinzentas – onde é que já se viu uma flor cinzenta? Agora, quando tenta soltar o braço da manga que se lhe colou, o olhar detém-se com surpresa no seu peito nu, as flores cinzentas são os seus mamilos, inclinam a cabeça para as orlas do peito flácido, flores cinzentas, murchas, secas. A medo, os seus dedos apalparam as dobras da pele, e ela lembra-se do neto mais novo, de quando o sentaram no seu colo durante uma refeição festiva há alguns meses, de como ele entornou um copo de água em cima de si mesmo, e de como, quando ela lhe despiu a blusa, ele estendeu o braço nu e o examinou com espanto, como se estivesse a reparar nele pela primeira vez, movendo-o para cima e para baixo, apalpando-o e lambendo-o, e tocando depois na pele macia da barriga, gozando o toque. Foi uma dança de amor virginal, um hino ao narcisismo, se é que o bebé teve consciência de se tratar do seu próprio corpo, como a sua própria consciência consegue hoje aceitar o seu corpo flácido. Não, ainda não está convencida de que é velhice, é antes sujidade que se lhe colou ao longo dos anos ou uma doença

passageira, uma espécie de lepra ou algo assim, e no momento em que chegar ao lago, no momento em que mergulhar nas suas águas, o seu corpo há de curar-se como a carne do general do rei da Síria², que mergulhou sete vezes no Jordão e se curou da lepra.

Anda, Hemda, pousa o pé no chão, agarra-te à parede e endireita-te, tens uma bengala ao lado da cama, mas não precisas dela, só precisas de mim, como naquela época, quando eras uma garça migradora em busca de refúgio no leque dos juncos. Lembras-te de quando nadavas nua no inverno?, mergulhavas na água, que ardia como uma queimadura, até que adoceste e o teu pai não te deixou voltar, ainda que tu te escapulisses de vez em quando; largavas a roupa na beira do lago, e uma vez ele apareceu e viu-te lá e mandou-te sair, e quando foste ter com ele, nua, ele desatou a fugir e desde então nunca mais te procurou lá, ficámos apenas os dois, mas faltava alguma coisa.

Onde estava a mãe? Era sempre o pai quem lhe fazia tranças, com as mãos desajeitadas a tresandarem a peixe, que a forçava a correr e a trepar aos telhados do *kibutz* como as outras crianças, que ela nunca conseguiu imitar, que saltavam como macacos de telhado em telhado, e ela sentia-se desmaiar de medo, recusava-se a tentar, até que ele aparecia com o seu olhar azul ameaçador cravado nela, de que tens mais medo, de saltar ou de mim, da vida ou da morte, e ela trepava com esforço, a praguejar contra ele e a chorar, estúpido, seu estúpido, vou contar tudo à mãe.

Mas onde estava a tua mãe?, pergunta a filha quando se dispõe a ouvir as histórias, conhecidas até à náusea e, todavia, surpreendentes, sempre inquietantes, crescestes sem mãe, informa a filha com satisfação, mas Hemda revolta-se, não, estás completamente enganada, eu gostava tanto da minha mãe e ela de mim, nunca duvidei do amor dela, mas Dina não desiste, porque desta declaração deduz

² Ver II Reis, 5.

uma série de conclusões que a satisfazem, crescestes sem mãe, não admira que não saibas ser mãe, e conseqüentemente eu não tive mãe, até a minha filha sofreu com isso, vês como a falta da tua mãe, a quem tu nem sequer tens raiva, teve influência em todos nós?

Estás completamente enganada, diz, abanando a cabeça, nunca me zanguei com a minha mãe, porque sabia que ela trabalhava muito. Trabalhava na cidade e só vinha a casa aos fins de semana, e mesmo quando esteve fora do país durante um ano e eu não a reconhecia quando voltou, pensava que era uma desconhecida que tinha matado a minha mãe, mesmo então não me zanguei com ela, porque percebi que ela tinha feito aquilo por não ter outro remédio. Vocês e as vossas zangas, tu e o Avner e toda a vossa geração carente, de que vos servem todas essas queixas? Mas às vezes ela própria também se zanga, com uma raiva tremenda, assassina, não apenas aos pais, não apenas ao pai que, à sua maneira, lhe era tão dedicado que a magoava, ou à mãe, sempre ocupada, mas a eles também, aos filhos e, em particular, a esta filha, cujo cabelo já começa a embranquecer.

Ainda ontem lhe fazia tranças no cabelo negro e encaracolado – os dedos atrapalhando-se, como os do pai, nos seus cabelos –, que agora é baço, metálico, a filha não o pinta como a maioria das mulheres da sua idade, é por provocação que usa a juba grisalha que ofusca o seu rosto jovem, Hemda acha que até essa atitude é contra si, a filha faria mal a si própria apenas para a torturar, apenas para lhe provar que aquele tempo, o tempo da infância, foi carregado de falhas; é por isso que se desmazela, que passa fome, está mais magra de ano para ano, a sua própria filha é ainda mais magra e pequena do que ela. Vão-se anulando, as mulheres da família, é possível que daqui a duas ou três gerações se extingam, enquanto o filho engorda de tal modo que, por vezes, tem dificuldade em reconhecer naquele homem rotundo, a ficar calvo, que respira com dificuldade, o seu lindo filho que

herdou do avô os raros olhos azul-celeste, por vezes olha-o com horror, porque lhe parece que esse homem assassinou o seu filho e vive no lugar dele, dorme na sua cama, educa os seus filhos, como suspeitava da estranha que voltou da América há muitos anos e que correu para a abraçar e beijar, afirmando ser sua mãe.

O *kibutz* inteiro esperava-a no relvado para a receber no regresso da missão prolongada, só ela se escondeu numa das árvores, uma macaquinha, afinal de contas, a observar a expectativa agitada que nada tinha de pessoal, pois quem de entre as crianças se lembraria da sua mãe, se até ela a esquecera, e quem de entre os adultos a esperava realmente, além do marido e de um punhado de parentes? Porque a maioria deles invejava-a, em particular as mulheres que trabalhavam horas a fio, por turnos, na cozinha, na casa das crianças, na horta, na costura, no armazém, dentro de fatos de trabalho azuis, as pernas azuis das varizes, e só ela, a mãe de Hemda, veste fatos elegantes e trabalha num escritório na cidade, e como se isso não bastasse, às vezes desaparece nalguma missão misteriosa, sabe-se lá a mando de quem. Sim, foram todas estas palavras que ouviu enquanto estava escondida entre os ramos, e mesmo que não as tenha ouvido, adivinhou-as, e se não as adivinhou, pronunciou-as ela própria, partilhando a espera hostil, porque não era a mãe o que eles esperavam, mas sim uma lufada de ar fresco do grande mundo, de esperança, de doce recordação, era tudo isso que a mulher agora a sair pesadamente do carro de serviço escuro havia de trazer. Quem é ela? Mesmo por entre os ramos altos vê que não é a mãe, a trança comprida desapareceu, as faces são cheias e pálidas, o corpo pesado, triste, e então, espantada, salta da árvore, ninguém repara que ela se afasta o mais depressa que consegue, para o mais longe possível, para o lago.

Tu não és a minha mãe, gritará mais tarde ao entrar no quarto dos pais, enfrentando-a, e a estranha mirando-a com tristeza,

o olhar fixo nos botõezinhos espetados do peito da adolescente de doze anos, que a blusa suada esconde. Pobrezinha, estás tão descuidada, diz, como se não fosse ela quem descuidou, e logo tenta tranquilizá-la, estive doente muito tempo, Hemdaleh, num hospital, foi por isso que me cortaram a trança, tive uma infecção nos rins e a minha cara inchou, e Hemda procurou no rosto à sua frente as marcas familiares da varicela, duas manchas pequenas entre o queixo e os lábios. Tu não és a minha mãe, repetiu desiludida, não tens cicatrizes, a estranha apalpou o queixo, tenho cicatrizes sim, mas não se veem, olha aqui, mas Hemda desatou a chorar, onde é que está a minha mãe? O que é que fizeste à minha mãe? E saltou para as coxas magras do pai, não lhe toques, não lhe faças o que fizeste à minha mãe, só o tenho a ele, e nas primeiras noites dava voltas na cama, na casa das crianças, e imaginava a estranha que tinha engolido a sua mãe a mastigar as coxas do pai como se estivesse a comer um frango assado, chupando-lhe os ossos, em breve mastigaria também com apetite a sua pouca carne, os botõezinhos espetados dos seus peitos.

Dois peitos, duas coxas, dois pais, dois filhos e, no meio, ela própria, mais interessada nos pais mortos do que nos filhos vivos. Teve um filho e uma filha, um casal, espelho cada vez maior do casal que a gerou, enquanto o terceiro casal na família, ela e o marido, sempre lhe pareceram uma estação de passagem entre duas capitais. Quando agora pousa os pés no chão, ainda frio, apesar de lá fora o ar estar a ficar abrasador, vê-os à sua frente, o primeiro casal, o seu pai em roupa de trabalho azul, e a mãe com uma blusa de seda branca e saia de pregas, de trança no topo da cabeça como uma delicada coroa real, a sorrirem para ela à beira do lago, apontando para a serena água cor de café com leite.

Já é tarde, Hemda, tens de te lavar e ir dormir, dizem, indicando o lago como se ele fosse uma banheira apenas destinada a ela, olha

como estás suja, e ela corre para os pais, ofegante, se não se apressar o lago volta a desaparecer, desaparecem os pais jovens, mas as suas pernas pesam, enterram-se no pântano espesso, deem-me a mão, mãe, pai, estou a afundar-me, os polvos do pântano viscoso estão a agarrar-me as pernas, estão a arrastar o meu corpo para o fundo do pântano, estou a afogar-me, mãe, pai.

Rastejem sobre o ventre, lembra-se das instruções do professor de ciências naturais quando certa vez foram procurar ninhos de andorinhas e ficaram presos na lama, que lhes lambia as pernas. A boca, aberta num grito, enche-se com a papa de terra compacta e ela sufoca, deem-me a mão, mas os pais estão imóveis diante dela, com um sorriso nos lábios, como se ela estivesse a representar numa peça cômica, não veem que ela está a sufocar ou será que querem que desapareça? O seu corpo cai pesadamente no chão, ao pé da janela, sente-se a ser levada, os intestinos da lama digerem o seu tornozelo com prazer. Que desejada é pelas profundezas da terra, nunca se sentiu tão desejada, mas ainda luta, tenta agarrar-se às pernas da mesa, ainda não chegou a hora, é cedo demais ou tarde demais, ainda não é a hora, e, com o que lhe resta de consciência agonizante, rasteja até ao telefone, rastejem como crocodilos, tinha gritado ele, senão afogam-se, a sua garganta, seca, aperta, Dina, vem depressa, estou a sufocar.

Mas a filha, Dina, está de pé em frente da janela da cozinha, imóvel, a observar com espanto as agulhas do pinheiro entrelaçadas umas nas outras, estendidas para ela como uma mão vazia a pedir esmola. Ela levou os ovos, a pomba cinzenta. Ainda ontem à noite, antes de ir dormir, espreitou novamente a floreira por baixo da janela e viu os ovos a brilharem no escuro, dentro do ninho, como um par de olhos bondosos, e logo apareceu a pomba, cobrindo-os com o seu corpo. O calor do corpo da pomba subiu até ela, terna

serenidade, doce recordação. O que há de mais simples do que isto, estar aqui imóvel durante horas e horas, os olhos despertos e o corpo adormecido, totalmente concentrado na sua missão. Ela tirou daqui os ovos, voou na noite negra com um ovo branco no bico, pousou-noutro ninho que preparara e voltou para levar o que ficou. Terão sido as suas espreitadelas frequentes que fizeram a pomba fugir?

Que dor estranha, murmura, enquanto o telefone toca, que dor idiota, inútil, permanecer aqui num temor reverente, como se diante de uma sepultura profanada, defronte da pilha de caruma que ontem era uma casa de milagres e, hoje, não passa de um amontoado insignificante, e estende a mão para o minúsculo berço, esmagando-o. O vento da primavera dispersará os galhos instantaneamente, e não restará memória da vida que aqui palpitou durante uma semana, que a encheu de uma excitação estranha, dois ovos no ninho, o ovo dela nasceu.

Porque é que ela os levou?, pergunta em voz alta. Ultimamente ouve cada vez mais a sua voz, alta e surpreendente, sobretudo quando não está ninguém ao pé de si, os pensamentos escapam-se-lhe da garganta sem inibições e a voz revela a sua nudez, a sua simplicidade embaraçosa. É preciso comprar leite, ouve-se declarar com uma resolução solene, como se se tratasse de uma missão nacional, ou estou atrasada, ou onde está a Nitsan? Esta pergunta soa repetidamente no espaço que a rodeia, não é onde se encontra a única filha nesse preciso momento, pois quanto a isso a resposta é simples, está na escola ou em casa da amiga ou a caminho de casa, mas onde está o seu coração, que durante todos aqueles anos esteve perto do seu e que, agora, a ignora, bate contra ela com firmeza e agressividade? Como é que o mais natural dos amores se transforma num amor desiludido?, interroga-se, seguindo a filha com olhos saudosos, procurando aliciá-la com as tentações que no passado lhe arrancavam da garganta gritos de alegria, anda Nitsani, vamos as

duas fazer um bolo, ou vamos ao cinema?, já viste que abriram uma pizzeria no bairro?, e se fossemos comer uma pizza? Mas eis que se depara com um olhar indiferente e uma voz fria, outro dia, mãe, agora não tenho tempo, mas para as amigas tem tempo de sobra, porque imediatamente combina qualquer coisa com a Tamar ou com a Shiri e desaparece, como se fugisse dela. Dina acompanha-a com um sorriso gelado, e ela tenta esconder a mágoa; que dor estranha!

Deixa-a em paz, deixa-a crescer, repreende-a Gideon, como se tu, na adolescência, não quisesse senão passar o tempo com a tua mãe, mas ela não responde, quando se trata dele, os seus pensamentos ficam mudos, às voltas na barriga sem conseguirem sair, não é a mesma coisa, de qualquer modo a minha mãe preferia o meu irmão, a minha mãe nunca foi uma companhia agradável, com as suas histórias deprimentes sobre o lago, só pensava em si mesma, não sabia ser mãe, aprendeu muito tarde.

Dois olhos, ouve de novo a sua voz romper o silêncio, informe como a voz dos mudos, duas pedras preciosas, dois diamantes que cintilavam de dentro da floreira como no fundo de uma mina sombria, porque é que ela os levou? O que é que a assustou? O miado gutural de um gato acompanha a sua pergunta, cobre o toque do telefone, e uma labareda quente, peluda, imiscui-se entre as suas pernas. Onde estavas, *Coelhinho*? Acolhe-o com alegria, enche-lhe o prato com a ração seca, onde estavas, o que fizeste? Mas ele não se precipita para a comida, atarda-se entre as suas pernas nuas, esfrega-se nela com fervor. É assim que se move entre eles três, tentando ligá-los com a sua cauda, inscrever na pele dela os desejos da filha e do marido, inscrever na pele deles os desejos dela, porque ultimamente parece-lhe que aquele gato, aquele macho adulto erradamente chamado *Coelhinho*, devido ao pelo branco e às orelhas compridas, mas a quem de facto deviam chamar «coelha», é o último

elemento de coesão entre eles, como um filho tardio que guarda um eco fraco do que foi a família, além obviamente dos objetos: os móveis, as paredes, o carro, as memórias.

Porque ultimamente deu-se conta de que quase sempre que se dirige à filha, começa com uma recordação. Lembras-te de como brincávamos neste jardim? Gostávamos de estar aqui no escuro, depois de todos se irem embora, olha a casa da Bar, lembras-te de que ficaste a dormir em casa dela, mas no meio da noite telefonaste-nos para te irmos buscar e que ela, desde esse dia, nunca mais te convidou? Lembras-te de quando eu te levava ao curso e depois comprávamos aqui um gelado? Porque é que tem tanta necessidade da confirmação da filha?, que diferença faz se ela se lembra deste ou daquele pormenor?, a verdade é que não são aquelas coisas que ela quer relembrar, mas o seu amor, lembras-te quando antes gostavas de mim, Nitsan?

Como surgiu de repente aquele momento em que o equilíbrio entre as recordações e os desejos se rompeu? Ninguém a preparou para isso, nem os livros nem os jornais, nem os pais ou os amigos. Será que ela é a única ao cimo da terra a sentir isso numa fase tão prematura da vida e sem qualquer desgraça aparente, a primeira a sentir que o prato da balança sobre o qual repousam as recordações está a rebentar pelas costuras, enquanto o das esperanças está mais leve do que uma pena, pendendo inteiramente para o regresso de algo que já existiu?

Basta, diz ela, já chega, ouviste, *Coelhinho*? Basta, mas o gato não cede, cola-se firmemente a ela, estica a cauda robusta, como uma oferta de calor concentrado do verão que virá. É insuportável, diz ela, de repente ficou demasiado calor, há um minuto era inverno e agora, de um dia para o outro, é verão, sem progressão, sem estações intermédias, que terra tramada, desesperante, passa-se sempre de um extremo a outro.

O cheiro das fogueiras da noite ainda pesa no ar abrasador, que difícil é respirar, mas talvez já nem seja necessário, ultimamente até a tarefa mais simples lhe parece demasiado complicada, se calhar a sua motivação já não é suficientemente forte. Dantes, quando a Nitsan precisava dela, respirava desesperadamente, furtava oxigénio das bocas dos transeuntes, mas agora que a filha a ignora, que a magoa de propósito, não quer saber do oxigénio, que o respirem os outros. Que idade aborrecida, suspira, quarenta e cinco, outrora morria-se nessa idade, acabava-se de criar os filhos e morria-se, libertava-se o mundo da nossa presença, a presença incómoda de mulheres que já não são férteis, um invólucro sem graça.

Não vamos atender, *Coelhinho*, informa-o ao vê-lo saltar para a bancada da cozinha, por mim podem continuar a telefonar até amanhã, não tenho forças para falar com ninguém, mas quando o gigantesco gato branco de cauda preta e patas dianteiras cada uma de sua cor – que causam a impressão cómica de que calçou as meias no escuro –, avança com uma lentidão majestosa em direção à floreira e fareja com satisfação o espaço vazio deixado pelos ovos da pomba, ela percebe que alguém deixou a janela aberta durante a noite apesar das suas ordens claras, e foi esse alguém que destruiu o ninho, ou seja, o *Coelhinho*, quer dizer o gato, e quando olha lá para baixo, para o passeio, descobre horrorizada as cascas quebradas a nadarem numa papa turva, restos de vida.

Gideon, grita ela, estou farta de repetir que não abras a janela da cozinha, mas ele há muito que saiu com a sua velha *Leica* pendurada a tiracolo como a lancheira de um miúdo e ao ombro outra câmara, não pára quieto, os olhos sempre à coca, à procura das combinações únicas que a realidade lhe oferece. Será que lhe disse? Hesita por momentos, se calhar apenas tencionava dizer, e ei-la de novo, a dor entre as costelas, a cólera que desperta outra vez. Dois pequenos fetos pousados no ninho, duas pedras preciosas,

e só um eclodiu, a sua Nitsan, uma bebé pequenina mas perfeita, enquanto o segundo não sobreviveu, transformou-se numa papa turva, não havia quem culpar, mas ela culpou, culpou-se a si própria, sobretudo. Seria a sua preferência secreta pela filha? Seria o pânico deles nas primeiras semanas de gravidez que sugou a vontade de viver da pequena criatura? Como é que nos vamos arranjar?, perguntava ele, suspirando, tinha acabado de ser despedido do jornal e fechava-se durante horas no quatinho transformado em câmara escura, de onde saía sombrio como se sobre eles pesasse uma catástrofe, dois pais, dois fetos de uma vez, o que vai ser, quem vai criá-los, quem nos criará? Passavam horas deitados no sofá a olhar para as paredes do apartamento de um quarto atravancado, o que vai ser, temos de procurar casa, temos de procurar trabalho, temos de pedir um empréstimo, a lista de tarefas era cada vez mais comprida e aumentava a sensação de desamparo. Do seu ventre emergiu naquela época uma ameaça de autodestruição que acabou por encontrar a dele numa ruela escura, até que um dia ele fez uma trouxa pequena e desapareceu, preciso de tempo para recuperar, declarou, como se se tivesse abatido sobre ele uma catástrofe e ela pensava que ele voltaria à noite ou no dia seguinte, mas passados alguns dias ele telefonou-lhe de África e, quando finalmente regressou, trazia na mochila fotografias extraordinárias que, de um dia para o outro, o tornaram num fotógrafo solicitado, enquanto no ninho escondido dela havia apenas um ovo.

Será que os pensamentos podem matar? E que os desejos negativos são destrutivos? Naquela época, ela queria que aquelas duas criaturinhas que se lhe tinham colado ao útero como caracóis à raiz de uma árvore a deixassem em paz, e era contra ele, o caracol-macho, que dirigia o ódio principal. Teria podido agir de forma diferente? Aparentemente não, mas ele também não podia. Nos primeiros anos, estava tão ocupada com a bebé que era quase incapaz

de conceber a existência de outra criatura, mas à medida que a Nitsan foi crescendo ele perseguia-a mais, o menino que não nascera, o menino de quem ela abdicou, e por vezes, à noite, quando ia tapar a Nitsan, parecia-lhe ouvir outra respiração no quarto, a rodopiar entre os brinquedos nas prateleiras, e por vezes via-o a cintilar ao lado da Nitsan quando ela estava a brincar, o cabelo dele era da cor do mel, forte e abundante como o dela, os olhos castanho-esverdeados como os dela, estava presente quando ela desenhava, quando lia, quando chorava, e agora que a Nitsan se afasta dela, ele não se afasta, foi desde sempre um miúdo delicado, atencioso, obedecia em silêncio aos seus desejos não formulados.

Porque esperas?, faz outro filho, insistia a mãe, a Nitsan precisa de um irmão ou uma irmã, e tu tens de te desprender um pouco dela, e ela respondia a brincar, estás a falar a sério, mãe? Como tu te desprendeste de mim? Pois fica sabendo que isso não se chama desprendimento, mas discriminação. Lá no fundo, Dina sabia que a mãe tinha razão, mas hesitava, tivera tanto gozo em dedicar-se à filha, em dar-lhe tudo aquilo que nunca recebera, já para não falar da recusa intransigente de Gideon, em relação à qual sempre achara que nunca era tarde, que havia tempo de sobra para convencê-lo. De vez em quando tentava, ainda temos uma oportunidade de felicidade, Gideon, vá lá, vamos fazê-lo antes que seja tarde, mas ele recusava imediatamente, como é que sabes que vai ser felicidade?, talvez seja justamente o contrário. Estamos bem assim, para quê arriscar? Para quê pôr em perigo o que temos por algo que desconhecemos?

Para que mundo queres trazer mais um filho? Reprendia-a, como se ela lhe tivesse falado de um desejo anormal e indigno, não tens noção do mundo em que vives, acompanha-me uma vez nas minhas viagens e ficarás a conhecer este país, nem toda a gente vive em apartamentos confortáveis e fala de felicidade, há pessoas para as quais um filho é mais uma boca a alimentar, e ela pensava

o que é que uma coisa tem que ver com a outra?, o filho que eles trariam ao mundo iria tirar algo da boca de outro? Mas não insistia, não queria forçá-lo e também tinha medo da mudança. Eram felizes assim? Sim, eram felizes, bastante felizes, criando a Nitsan sem concorrência, não como ela, que viveu roída de ciúmes a odiar o irmão mais novo, e a menina cresceu rodeada de amor, para quê pôr em perigo o que temos por algo que desconhecemos? Sim, parece convincente, e quase a convenceu, mas no estabelecimento de ensino onde lecionava, que com os anos se transformou em instituto universitário, as alunas pensavam de forma diferente, e quando dava aulas sobre a Expulsão dos Judeus de Espanha, elas, emocionadas, pousavam as mãos nos ventres inchados, não pareciam estar a pôr minimamente em perigo a sua felicidade, bem pelo contrário. Ultimamente começara a suspeitar de que a razão estava do lado delas e que era ela quem estava errada e de que já fosse tarde para remediar. Justamente ela, que devia ensiná-las, não leu corretamente o livro da vida, pois a Nitsan de hoje não era de todo a menina meiga e amorosa de antes, mas uma jovem impaciente que fecha a porta do quarto e do coração, cuja existência não a consolará dos filhos que não deu à luz.

Não te aflijas por ela, dizem-lhe, alegre-te por ela te rejeitar, é sinal de que está a crescer como deve ser, precisa de se separar de ti, mas acabará por voltar e entretanto aproveita o tempo livre que tens, talvez consigas finalmente terminar o doutoramento. Todos tentam convencê-la, Gideon, a mãe, as amigas, todos movem os lábios para lhe oferecer palavras como se fossem remédios para a sua doença vergonhosa, mas o que fará ela com essas palavras? Vai embalá-las nos braços, levá-las a passear quando o tempo refrescar um pouco, mostrar-lhes a Lua e as estrelas? Detesta aquelas palavras, magoam-na, uma dor estranha espreita por entre as costelas como por entre grades, dor essa que ela cria e alimenta e que se desenvolve tão bem

que, em pouco tempo, de pequeno caracol que era se transformou numa criatura exigente e incômoda, que lhe dificulta a respiração, lhe causa ondas de vômito, a impede de se concentrar no trabalho e não lhe permite realizar as tarefas mais simples, como responder ao telefone, que aparentemente está a tocar há uma hora. Está tão habituada a ele que tem a impressão que o som lhe sai da cabeça através dos ouvidos para a realidade, é uma sineta de alarme porque as palavras de nada servem, entrámos na era dos sons e ela no resto da sua vida, é ela quem telefona ao mundo, não o telefone, pois quando finalmente pega no auscultador não ouve nada.

O aparelho está frio e ela coloca-o no peito, uma onda de calor sobe das suas entranhas e ela cerra os lábios, se jorrar da sua garganta não haverá retorno possível, o fogo destruirá os campos, as florestas serão incendiadas, as casas carbonizadas, um calor insuportável invadirá a terra, destruirá instantaneamente os seus entes queridos, a Nitsan que está a dormir em casa da amiga, magra e repousada, Gideon que percorre estradas para fotografar o que resta das fogueiras da festa de Lag ba'Omer³, que se apagaram de madrugada, e é por isso que não pode libertar a labareda que se agita nas suas entranhas, tem de contê-la nos pulmões, que a queime só a ela. Deu tanto àqueles dois ao longo dos anos, e agora parece-lhe que é o último pedido deles, e mesmo que isso signifique uma paragem total da respiração, ela aguentará, provar-lhes-á a sua dedicação; arderei frente à janela da cozinha como uma chama eterna, perecerei em frente da janela da cozinha, e quando vocês voltarem encontrarão no chão cascas partidas a nadar numa papa viscosa, restos da vida.

Hoje mesmo, antes que ele sáisse, procurou detê-lo junto à porta, dói-me, Gideon, e ele perguntou com frieza, onde te dói?, lançando-lhe um breve olhar. No coração, respondeu envergonhada,

³ Lag'baOmer. Festa judaica que se celebra em geral no mês de Maio, no campo, com fogueiras e jogos.

consciente da inferioridade desta dor em face das dores do corpo que obtêm um reconhecimento imediato, e ele, como era de esperar, bufou com impaciência, o que é que se passa contigo ultimamente? Recompõe-te, dá-te por feliz por teres saúde, por estarmos todos bem, olha à tua volta e agradece.

Obrigada, diz ela agora, muito obrigada pelo apoio, mas o que esperava ela, há anos que ele se distanciou, mergulhado nos seus assuntos, havia algum motivo para pensar que, agora que ela precisava dele, seria diferente? ela precisasse justamente agora, que ele mudasse? Mas será que é dele que precisa? Lá está de novo aquela dor no seu núcleo mais fundo, que se desintegra dentro dela como um dente doente. Estou doente, diz para o aparelho de telefone mudo, preciso de ajuda, perdi algo e não sei se alguma vez o encontrarei.

Como designar esse algo que a ligava ao bulício da vida, como um embrião à placenta nutritiva, ano após ano, ligada por um cordão carnal a um ventre grande, vibrante e pulsante? Mesmo que de vez em quando houvesse desilusões e amarguras, abalos e sofrimentos, nunca duvidara dessa ligação, mas ultimamente parecia que uma parteira rude cortou o cordão com uma tesoura afiada, como quem diz, parabéns, nasceste, mas ela sabe que não se trata de nascimento, mas de fim, de amputação súbita do gosto de viver. As pontas dos dedos ficam brancas no auscultador do telefone, que recomeçou a tocar, mas ela não responde, aperta-o contra o peito, os lábios cerrados, sem respirar, só ela sabe o quanto a sua respiração é perigosa, e o irmão, Avner, conta dez toques, desliga e deixa uma mensagem no telemóvel ainda desligado, a mãe voltou a cair e perdeu o conhecimento, informa-a, zangado, como se ela fosse culpada, está nas urgências, vem logo que ouvires a mensagem.

Nunca gostou de ficar sozinho com a mãe, mesmo agora que ela tem a boca tapada pela máscara de oxigénio, as mãos inertes pendentes

ao lado do corpo, os olhos fechados e a consciência a desvanecer-se. Receia que ela estenda os braços enrugados para o abraçar, que tente beijá-lo com os seus lábios secos, que rompa a chorar em frente dele, Avner, meu filho, tenho saudades tuas. Recebe-o com queixas em quase todas as visitas, onde estavas?, tenho saudades tuas, e quando ele procura acalmá-la, estou aqui, mãe, ela pergunta, inquieta, mas quando voltas?

Estou aqui, alegre-te por eu estar aqui agora, repete ele, mas ela não ouve, vejo-te tão pouco, tenho saudades tuas. Mesmo quando ele está com ela, ela sente falta dele, mesmo quando o vê, repara apenas no vazio da ausência dele. Mimado, menino da mamã, gozavam-no os miúdos do *kibutz* quando ela se demorava ao lado da cama dele, incapaz de o deixar, ou quando o procurava pelos campos, chamando por ele com a sua voz um pouco estridente, Avni! Onde estás? Ficava rubro de vergonha quando ouvia os gritos dela, eram como sirenes de alarme, é preciso esconder-se, ir para o abrigo, e já os miúdos a imitavam, mesmo diante do seu rosto ruborizado, que vergonha ser assim tão amado.

Que mundo às avessas, suspira, que invenção perversa a do *kibutz*, que criou seres tão cruéis que negam com tal desenvoltura os sentimentos mais naturais, em particular os homens. E que invenção perversa é a viriliade, de vez em quando tem a sensação de que vive há anos na clandestinidade, e não apenas ele, e não apenas naquele *kibutz*, e não apenas naquele país, no fundo todos os homens são como criminosos de guerra com medo de serem descobertos, como testemunhas protegidas pelo Estado, todos eles desperdiçaram sem se aperceberem os seus melhores anos, e nem sequer foi por este ou aquele ideal sublime, mas apenas para sobreviver.

Nos últimos anos, essa tensão parece ter diminuído um pouco, como quando, com metade da vida já atrás de nós, a disciplina começa a afrouxar, como quando se aproxima o fim da recruta e os

homens se tornam mais femininos e as mulheres mais masculinas, mas agora, eis que a velha tensão volta a despertar diante daquela ruína de ser humano que o trouxe ao mundo, última testemunha da sua infância, da sua pequenez, da sua solidão, das pulsações do seu coração, do horror dos seus sentimentos secretos, a sua imensa vergonha.

Um lençol florido cobre o seu corpo minúsculo, ela, outrora uma mulher grande, desajeitada dentro dos coloridos vestidos de péssimo gosto que, por provocação, começou a usar quando deixou o *kibutz*, dantes precisava de muito tecido para cobrir o corpo e agora basta-lhe um pedaço de lençol desbotado. A pele que se esvaziou em redor dos ossos pende como um manto amarrotado, fino e manchado, e ele olha discretamente para as suas próprias mãos, observa a sua pele. Que pouco esplendor resta aqui, que cruel a mudança, só entre nós é assim, já que nos animais a velhice não provoca uma tal degradação. Tornam-se mais lentos, o brilho da pele diminui, mas permanecem iguais a si mesmos, enquanto esta idosa, de cabelo ralo e queixo bicudo e peludo, lábios chupados, dentes postiços a sorrirem para ele de cima da mesa de cabeceira, não tem a menor semelhança com a mulher de pernas longas que corria atrás de si pelo *kibutz* a gritar o seu nome, como se só ele pudesse salvá-la de uma desgraça iminente, Avner, Avner! Onde estás?

Para onde foi aquela carne toda?, questiona-se diante da pele flácida dos braços, que, se estender um braço para ele, irá pender das axilas como as asas de um morcego. As pessoas encolhem, aparentemente, vão encolhendo, o espaço que ocupam no mundo reduz-se, como o espaço que o mundo ocupa dentro delas, diz ele ao mesmo tempo que passa distraidamente a mão pelo ventre, que ultimamente está mais protuberante, e retira-a logo como se se tivesse queimado, com a sensação de que ali se esconde a carne dela, de que todo o peso dela passou nos últimos anos para o seu corpo,

como uma espécie de feitiço que a mãe lhe tivesse lançado por vingança, a fim de voltar a unir-se a ele no final, e tal como o carregou no seu ventre, agora que é velha obriga-o a carregar a carne de que ela se desfez, mantendo assim o equilíbrio do mundo, pois o seu peso conjunto não mudou.

Que ideia horripilante, escarnece ao ver o esgar involuntário que passa pelo rosto dela, como no dos bebés, que por engano tomamos por sorriso, que disparte, é tudo por causa das comidas gordas que eles lhe dão lá, nas tendas deles, os pratos de cobre de arroz amarelo, os pães pitas quentes e o queijo de ovelha, por vezes até pedaços de carne de borrego, querem exprimir a sua gratidão para com ele com a comida que lhe servem, e ele engole mais e mais gratidão, engole vorazmente, sem mastigar, rebanhos inteiros de gratidão que gritam no seu ventre, tentando calar com os seus gritos os ecos da antiga ironia.

Que lugar caótico este, dá uma olhadela ao relógio e suspira, há uma hora que está ali e não apareceu nenhum médico, já passou uma hora e a irmã ainda não chegou, e não é que tenha muita vontade de vê-la e ao seu rosto arrogante, ultimamente mais magro, e ao seu olhar estranho, mas quer ir-se embora dali e essa é a única forma. Desculpe, procura chamar a atenção de uma das enfermeiras, o que se passa com o médico? Ainda vai demorar muito?, pergunta-lhe. Mas ela ralha com ele ao passar, vai demorar o tempo que for preciso, pode ter a certeza de que o médico não está a brincar nem a tomar café, e ele cala-se, baixa os olhos para o ventre, ultimamente a realidade diz-lhe que tudo mudou. Há apenas alguns anos, quando ocasionalmente o convidavam para programas de televisão, era alvo de um tratamento diferente nos lugares públicos, pois mesmo que não o reconhecessem pelo nome, a cara era-lhes familiar, conheço-te, sorriam e acenavam para ele, e de vez em quando a memória voltava, ah, vi-o ontem na televisão, é o advogado dos beduínos, não é?

Não apenas dos beduínos, corrigia, de todos aqueles cujos direitos são espezinhados, e era logo mimoseado com olhares apreciativos, só a mulher não perdia a ocasião de fazer pouco dele, o cavaleiro dos direitos humanos, ironizava, um Robin Hood, e o que é feito dos meus direitos? Para ela, tal como para a mãe, ele era sempre o culpado.

Que tempos caóticos, ontem mesmo saiu do tribunal humilhado, quando a única coisa que fez foi pedir uma anulação retroativa, mas a juíza despachou-o sem sequer olhar para os elementos do processo. O recurso perdeu a atualidade, os factos já foram estabelecidos *in loco* e não há que mudá-los, decretou. Ele saiu de lá com a testa a arder e foi com dificuldade que se arrastou até a um bar para se acalmar antes de ir ter com a Shlomit e os filhos. Tanto esforço para nada, mas, realmente, que estupidez pedir uma anulação retroativa, será que existe uma possibilidade dessas ao cimo da terra, a de voltar a uma situação anterior.

Além de que a situação anterior também era insuportável, tendas miseráveis à beira da tortuosa estrada que desce para o Mar Morto, umas quantas barracas de lata a caírem de podres. Eles já não são os pastores orgulhosos que viviam em liberdade e se deslocavam pelo deserto com os seus rebanhos, no verão para Nablus, e, no inverno, para o deserto da Judeia. Já nem é liberdade, é miséria, o seu território é cada vez mais reduzido e eles vivem como ciganos nas periferias das cidades, trabalham em limpezas e no lixo, são ladrões, espetros e ele vive com eles e come os seus cozinhados com as mãos.

Hemda Horowicz, ele sobressalta-se ao ouvir uma voz masculina chamar o nome da mãe como quem a convida a subir ao palco. Sim, apressa-se a responder como se o tivessem chamado a ele, e, pondo-se de pé, diz, é a minha mãe, o médico é alto e bem-parecido, mais novo do que ele, olha para ele sem interesse, marcando

a distância que os separa. O que aconteceu?, pergunta, e Avner dá por si a fornecer os detalhes como quem argumenta no tribunal, a fazer um historial da doença da mãe nos últimos anos, mas o médico interrompe-o, o que aconteceu esta manhã?

Ela ligou-me, deve ter ligado antes à minha irmã, acrescenta sem necessidade, não havia som, ou seja, não disse nada, mas ouvi a sua respiração, e quando lá cheguei ela estava caída no chão, ao lado da janela, por momentos temi que não estivesse viva e chamei logo uma ambulância, ela já estava inconsciente, mas consegui ligar antes, aqui está a falar em nome dela, como se quem o escutasse fosse a juíza que o espreita por detrás do ombro do médico, tentando desmenti-lo. Precipitou-se realmente para lá?, pergunta ela no gozo, não parou no caminho, nem por um momento, para beber o seu café?, e quando a viu caída no chão não sentiu um certo alívio, umas gotinhas mornas a espalharem-se pelo corpo, para sua vergonha?, e depois de chamar a ambulância não se meteu na cama dela, tapou-se com a manta e enfiou a cara no travesseiro impregnado do cheiro dela, e pela primeira vez após muito tempo soltou uma lágrima, embora não tenha sido por ela que chorou?

Embaraçado, limpa o suor da testa enquanto o médico se afasta, dando ordens rápidas à enfermeira. O que é isto, o que é que se passa comigo?, olha à sua volta disfarçadamente, receando que a sua expressão, o tom com que fala, o modo como se senta, o denunciem, que toda esta gente, médicos e enfermeiras que não bebem café nem brincam, doentes e seus familiares, técnicos e outros funcionários, que todas estas pessoas vejam e saibam que, ali ao pé deles, neste preciso instante, está um filho que não gosta da mãe.

Através da nesga da cortina vê trazerem para o compartimento ao lado um homem mais ou menos da sua idade, que deitam na cama estreita, tem os olhos fechados e respira com dificuldade, vem acompanhado por uma mulher vestida com uma blusa de

cetim vermelho vivo de quem ele só vê as costas, muito direitas, que arrasta uma cadeira, se senta ao lado dele e lhe agarra imediatamente a mão. Escondido por detrás da cortina, espreita fascinado e horrorizado os novos vizinhos da sua mãe, pois lhe parece subitamente que através deles a realidade lhe envia todo o seu horror, lhe acena com a morte, o fim de toda a carne! E não é que não soubesse que pessoas da idade dele, e até mais novas, adoecem e morrem, mas nunca as vira com os próprios olhos, sempre se sentira protegido da morte justamente graças à existência da mãe, e sente-se agora aterrado com a ideia de que a mãe pode morrer nas próximas horas, deixando-o sem essa proteção imaginária que lhe oferecia. Uma pessoa sem pais fica mais exposta à morte, pensa, e sente o desejo urgente de perguntar ao vizinho se ainda tem pais, espreita o seu rosto agradável, a ficar amarelado, fascinado pelos olhos que se abrem de súbito e pela expressão jovem, quase maliciosa, como se aquilo não passasse de uma farsa e estivesse prestes a levantar-se da cama e a sair dali de braço dado com a mulher aprumada.

Mas será mesmo sua mulher? Os seus gestos ainda têm frescura, sem o cansaço que, com os anos, se acumula entre os membros do casal, como o pó nos móveis que ninguém muda de sítio, mas, por outro lado, o facto de serem da mesma idade dificulta a descobridificação, ele sempre pensou que, na meia-idade, um novo amor surge geralmente entre pessoas com idades diferentes, como por exemplo entre ele e a jovem estagiária que o espera no escritório, e, ao imaginá-la, suspira discretamente e volta a limpar o suor da testa. Anati, foi como ela se apresentou logo de início, com o diminutivo, e ele respondeu, Avni, apesar de ninguém além da mãe e da irmã o tratar assim, e desde então os seus bonitos lábios pronunciam o seu diminutivo sem qualquer hesitação, Avni, o cliente chegou, Avni, ligaram do Ministério Público, tudo num tom inocente, sem a menor intenção de sedução, o que lhe despertava um pesado

e triste desejo, sacos de desejo que ele carrega às costas como um moço de fretes exausto, e ela nem sequer nota.

É estranho, dantes o entusiasmo tornava-o mais leve, agora parece que tem chumbo no sangue, coágulos de sangue que passeiam pelo corpo e ameaçam a sua existência. Mas será que a deseja, à tal Anati, ao seu corpo cheio que lhe causa desconforto, ao cabelo severamente apanhado, aos olhos bonitos, que banal, um advogado e a sua estagiária, e, no entanto, nunca lhe tinha acontecido.

Através da cortina, ouve falar baixo, um riso agradável, quase despreocupado, vê a mão amarelada do vizinho estender-se para o cabelo da mulher, acariciá-lo devagar, e quando ela vira o rosto para ele, Avner vê um perfil nobre, vê-a pousar a cabeça no peito do homem, os dedos deslizarem pelos seus braços, como se tivessem ido ali parar por engano, àquele território de dor e doença, em vez de estarem a descansar num jardim bem tratado, com uma taça de vinho branco na mão, ou a fazerem a mala para uma breve viagem de lazer, e ele sente subitamente que tem de alertá-los, tem de lhes abrir os olhos e tirá-los dali antes que seja tarde, vocês vieram parar a uma cabana amaldiçoada, a bruxa vai preparar-vos uma poção, a menos que ele os defenda no tribunal que sela o destino dos corpos, mas quando o médico se dirige a eles, Avner esforça-se por escutar a conversa e compreende que chegou tarde, há já três dias que aqueles lábios não provam comida, porque as dores de estômago são cada vez mais fortes, e ele fica subitamente aterrado ao dar-se conta de que há um homem está a morrer com uma incrível rapidez ali mesmo, a seu lado, e de repente sente uma imensa e lancinante proximidade com ele, aquele homem ama e é amado no mesmo instante em que se consome como uma folha de papel de jornal lançada a uma fogueira a fim de alimentar o fogo, enquanto ele próprio, Avner Horowicz, nunca amou nem foi amado, e, ainda assim, é a ele e não a ti que a graça é recusada.

Levem-me em vez dele, tem vontade de dizer, porque este homem, este corpo doente, abarca em si um amor vivo, e a sua morte anunciada, como a da mulher grávida, seria o cúmulo da injustiça. E está disposto a deitar-se em cima do corpo magro como para o proteger dos raios do destino, mas rapidamente a tristeza pelo casal dilui-se na tristeza por si próprio e pelos filhos, em particular pelo pequeno que não terá nenhuma recordação dele, e até por Schlomit, pois lhe parece que ela lhe lança um olhar suplicante, porque é que desistes tão depressa, porque não lutas? Interroga-se se as leis da vida e da morte serão assim tão diferentes, se aquele que conheceu o amor poderá deixar o mundo em paz, enquanto aquele que não o conheceu terá de ficar e completar a sua sina. Talvez seja por isso que o casal a seu lado age com tal calma, como se não houvesse qualquer contradição entre o amor e a morte, como se um completasse a outra. Mas quem consolará a mulher já não muito nova cuja beleza irradia para ele através da cortina, e o que será do amor que ela origina, onde estão os amores vivos depois da morte dos seus donos?, e tem a impressão de que, se rezar e pedir com todas as suas forças, talvez aquele amor atalhado passe para ele próprio, tal como a gordura da mãe passou para si. Está estendida à sua frente, inerte, com a arrogância de quem chegou a uma idade avançada e tem todo o direito de ser um peso, quando todos os esforços e substância da vida se destinam a agarrar-se a ela, e depois de resistir a sacrificar o seu corpo está pronto a sacrificar o dela, a lançar as suas carnes à fogueira que arde a seu lado, a fim de acrescentar alguns anos de vida e amor a este homem que continua com um sorriso delicado, quase a desculpar-se, enquanto se eleva nas chamas.

Não te preocupes, daqui a pouco vais sentir-te melhor, ouve-a sussurrar, e Avner aquiesce, cheio de gratidão, como se aquela promessa encorajadora se dirigisse a si, daqui a pouco vais sentir-te

melhor, não te preocupes, mas como não se preocupará se não encontra saída?, há anos que luta com as mesmas questões, o que faço eu com esta mulher, o que faço eu neste trabalho, o que faço eu neste país? Até há pouco tempo ainda acreditava que poderia ser útil fazendo aquilo que lhe competia, mas ultimamente tem a impressão de que se perdeu uma certa legitimidade, algo que embora nunca comprovado, pelo menos oferecia uma explicação clara e simples, do género medidas erradas, catástrofes anunciadas, medidas acertadas salvação assegurada, e pensa cada vez mais que as forças subterrâneas são muito mais fortes do que a lógica que antes as conduzia, porque se alguma vez houve oportunidade, perdeu-a, mas talvez nunca tenha havido.

Estou amarrado, gostaria de dizer à mulher da blusa de cetim vermelho, fui apanhado numa idade jovem e não pensei em libertar-me. Aos vinte e três anos já estava casado com a minha primeira namorada, ainda hoje não sei como isso me aconteceu. Durante muitos anos, o trabalho foi um escape, mas ultimamente perdi as forças e a esperança, ao passo que o homem ao seu lado ainda parece ter esperança, porque diz à mulher em voz baixa e amável, eu sei, e por instantes até parece que o que ele sabe, o que eles sabem, poderá vencer o que os médicos, as pesquisas e a estatística sabem, sei que não há motivo de preocupação, sei que daqui a pouco me sentirei melhor.

Usa no dedo uma aliança fina, igual à da mulher, e ambas brilham nas suas mãos como se tivessem casado ontem, tal como brilham os olhos. Será que a aproximação da morte faz reviver o amor ou será que são um casal novo colhido no início do caminho? Mesmo que não sejam jovens, o seu amor parece jovem, e ele começa a tentar recriar a história deles, estiveram sós durante anos até que se encontraram por milagre ou, pelo contrário, desfizeram-se duas famílias para possibilitar aquele breve amor que está a ser

ceifado à sua frente. O teatro desde sempre o atraiu, e se não tivesse decidido realizar o sonho do pai e estudar Direito, talvez aí se encontrasse, e agora consola-se com a ilusão de que aquelas duas pessoas não passam de personagens vazias que esperam a biografia que ele irá criar para eles, mas eis que a mulher vira o rosto e limpa uma lágrima com o dedo da aliança, e, ao fazê-lo, o seu olhar cruza-se com o dele. Parece que é a primeira vez que repara na sua presença, apesar de ele ter tentado várias vezes abrir a cortina, desejoso de eliminar totalmente a barreira entre eles, mas não foi por interesse que ela virou a cara, antes foi para esconder o choro súbito, contido mas bem visível, levanta o braço para limpar as lágrimas à manga curta e, não conseguindo, baixa a cabeça e puxa a bainha da blusa até aos olhos, descobrindo ao fazê-lo a barriga lisa, ao mesmo tempo que na blusa alastra uma mancha líquida e rímel preto. Avner tira do bolso o lenço de papel que usou nessa manhã para limpar as estranhas lágrimas que surgiram sobre a cama da mãe, quando ela estava estendida no chão, ao lado da janela, lenço que tirara de um pacote pousado em cima da mesa dos medicamentos no quarto dela, a mesa idiota e feia de que a irmã gostava tanto, e estende-o delicadamente à mulher à sua frente, que procura sorrir-lhe para agradecer, mas os seus lábios tremem, e depois de limpar as lágrimas, tão meticulosamente que quase fere a pele fina por baixo dos olhos, põe o lenço no bolso das calças claras e vira-se para a cama do doente, novamente de costas para ele, e ele olha para ela, fascinado, pensando que as lágrimas de ambos se misturaram naquele lenço de papel, na dor lancinante dela, que encontrou a sua, sem sentido.

Se fosse eu quem estivesse condenado a morrer e a minha mulher estivesse a meu lado, será que o meu fim próximo despertaria uma tal ternura? Certamente não, porque já começa a sentir na carne uma raiva feroz, capaz de inundar os corredores do hospital

como uma vaga imensa, a sua raiva por ela não lhe ter permitido libertar-se até ao último dia, a raiva de si por ter desistido sempre, e mesmo quando a imagina a ela no leito da morte, a raiva não diminui, porque a sua doença, se ficar doente, e a sua morte, se morrer, serão dirigidas contra ele, a fim de dar cabo do que lhe resta de vida com recordações amargas e culpa e com dois órfãos prematuros. Sim, esteve sempre amarrado, uniu-se a ela numa idade demasiado jovem, nunca poderia imaginar que aquela primeira paixoneta por uma rapariga baixa, de cabelo curto, produto da curiosidade juvenil e do desejo urgente de se proteger da mãe, se transformaria numa armadilha dentro da qual a sua vida esbracejaria, incapaz de se libertar ou de se habituar, pois mesmo que conseguisse extirpar uma parte do seu corpo de lá, deixaria sempre uma outra presa por tenazes dolorosas, e mesmo que fosse apenas a unha do dedo mindinho, a dor seria sempre insuportável e a libertação impossível.

O sono profundo da mãe, aparentemente sem fim, acompanhado pelas gotas que pingam ritmicamente da bolsa de perfusão para as suas veias, o zunzum dos aparelhos de monitorização e o toque dos telefones, entre as tosses e os murmúrios, os suspiros e as queixas, infundem-lhe pouco a pouco um torpor calmo, como se tudo aquilo se destinasse a protegê-lo. Encosta-se para trás, tapa os olhos com os braços e deve ter adormecido, pois quando passado algum tempo se sacode, a cortina está toda corrida e a cama ao lado dele vazia. O homem magro, de pele amarelecida e sorriso encantador, e a linda mulher, de ar nobre, já lá não estão, foram seus vizinhos durante uma hora apenas, e, embora as lágrimas dele estejam no bolso dela, não faz a mínima ideia de para onde ela foi.

Será que ele morreu agora mesmo, que devolveu a alma ao criador e que levaram logo o cadáver, ou foi hospitalizado num dos serviços?, ou ainda, quem sabe, talvez o seu amor tenha vencido a

doença e, para espanto de todos, levantou-se da cama e voltaram os dois de braço dado para casa, deixando-o frustrado com a partida antecipada, para a qual não se preparara. Porque ele estava convencido de que ainda o esperavam muitas horas na companhia deles, como é costume nas urgências, horas essas durante as quais conseguiria saber os seus nomes, o que faziam, a história do seu amor, de modo que se apodera dele um sentimento tão profundo de falhanço que bate com os punhos na testa como costumava fazer em criança nos momentos de frustração. Mais um falhanço, mais um erro, pensavas ter tempo, que mesmo quem tem os dias contados te esperaria, és mesmo assim, dormes enquanto as oportunidades passam, e embora não soubesse que oportunidades devia lamentar, o que é que aquele casal lhe podia ensinar, levanta-se do lugar com tristeza e dirige-se para a cama ao lado, quem sabe se não ficou lá alguma informação que o ajude, mas a ficha pendurada na cama não tem nada escrito e nada ficou em cima dos lençóis, e começa a andar entre os doentes à procura das enfermeiras, até que vê uma delas ao longe e a chama com gestos aflitos, como se a mãe tivesse uma necessidade urgente dela. Diga-me, procura sorrir quando ela vem ter com ele, talvez ainda se lembre dele da televisão, o doente que estava aqui deitado foi internado? Mas ela responde, desculpe, não posso fornecer informações, você é familiar dele? Não, diz ele, mas emprestei-lhe um livro e não faço ideia de como encontrá-lo, e ela sussurra, foram para casa, pode encontrá-los lá.

Então quer dizer que é bom sinal, não é?, pergunta, tentando a sua sorte, e ela responde secamente, não sei, há pessoas que gostam de morrer em casa, e outras que preferem o hospital, e começa a afastar-se, deixando-o agitado e chocado. Gostam de morrer em casa! Que expressão tão cruel, como se fosse uma atividade rotineira como comer ou dormir. Não está boa da cabeça? Já viu o que

está a dizer, há alguém que goste de morrer? Ralha com ela, como se ela fosse uma das suas funcionárias que se tivesse descuidado no modo de falar, mas a enfermeira já tinha obviamente desaparecido, deixando-o ao lado da cama vazia, e ele hesita e senta-se, passa a mão pelo lençol do mesmo modo que a mulher da blusa de cetim acariciara o braço escanzelado, e, depois de se assegurar que ninguém o vê, pouisa as costas no colchão, depois as coxas e os joelhos e, por fim, os pés calçados com os sapatos pretos do tribunal.

Com uma espécie de certeza cristalina, ofuscante, antevê-os a entrarem no carro, vê-a deitá-lo devagar e com extremo cuidado no banco de trás, sentar-se ao volante e lançar-lhe um sorriso animador através do espelho, conduzir devagar como se transportasse um bebé recém-nascido, vê-os chegar a casa, e ela a levá-lo para a cama, para o leito do amor e do voluptuoso sono que se lhe segue, vê os dias que os esperam como se ele, Avner, já tivesse agonizado e morrido num outro passado, as pesadas horas crepusculares em que não é dia nem noite, como fora do sistema solar, vê a tristeza da despedida daqueles dois seres, dança sem movimento, canção sem som, e, deitado naquela cama estreita, olha para a mãe, estendida a seu lado, para a sua cadeira vazia, e começa novamente a chorar, mas não tem com que limpar as lágrimas porque o seu lenço está no bolso dela, e as lágrimas escorrem pelas faces e são absorvidas pelo lençol, e também não tem de quem se esconder, porque, seja como for, ninguém olha para ele, está sempre a espreitar para o corredor, talvez a veja outra vez, talvez se tenha esquecido de algum documento, talvez volte para lhe devolver as suas lágrimas e ele consiga extrair da sua boca a ponta do fio que lhe permitirá seguir o destino deles. De repente sobressalta-se ao ver um clarão vermelho que passa ao longe e desaparece, deixando atrás de si um brilho enganador, e levanta-se de novo com o coração aos saltos quando uma figura feminina se aproxima

rapidamente da cama da mãe, mas não é ela, a mulher alta e es-
pigada de blusa preta e saia justa, também obviamente preta, é a
sua irmã Dina, dois anos mais velha do que ele e, embora a tivesse
esperado toda a manhã para poder sair dali, corre a cortina que os
separa antes que ela o veja, pousa a cabeça no colchão e finge estar
a dormir.

CAPÍTULO II

la sabia que devia apressar-se, naquela idade tudo pode acontecer, de um minuto para o outro podemos ir desta para melhor, mesmo aqueles que se arrastaram pelo mundo ano após ano vão-se num segundo, como as visitas que se demoram numa festa ao ponto de incomodar os seus anfitriões, mas que desaparecem bruscamente, sem dizer adeus nem agradecer, sem dar tempo para a despedida ou para o perdão, nem ocasião para uma última pergunta, ou para a reconciliação, a satisfação e a reparação. No entanto, quando finalmente se viu na entrada do hospital, não foi para a mãe que correu, nem para o frenesim glacial do serviço de urgências, mas para um edifício um pouco mais afastado, rodeado de relva, onde se movem lentamente mulheres de corpo pesado, mas com rostos cheios de desejo, onde o cheiro do sangue se dissolve no do leite que corre dos seus seios túrgidos, e o da pele doce dos bebés encontra pela primeira vez o ar do mundo, cheiros que anunciam a vida que muda de um momento para o outro, que se comprime para dar lugar à veneração de novos deuses. É aí que ela deambula,

envergonhada, espreita os quartos fingindo estar à procura de alguma parturiente, mas as suas mãos vazias e rosto severo desmentem o disfarce, e ela percorre o longo corredor, os olhos alerta, à procura do quarto onde esteve deitada há dezasseis anos.

Lembra-se de que era o último quarto, o mais próximo das colinas, estava deitada ao lado da janela e dava de mamar à sua filha invernal, ao mesmo tempo que os flocos de neve caíam na copa da árvore. Quando Gideon apareceu de manhã, encontrou-as ao lado da janela embaciada, sorriu comovido e beijou-as às duas, estavam tão juntinhas que um só beijo bastou, depois pegou na máquina fotográfica que trazia pendurada ao peito e fotografou-as envoltas numa névoa espessa, o rosto dela resplandecia junto ao rosto da bebé, que dormia, e eis que o espaço que sempre existira entre eles estava finalmente preenchido na medida certa, a medida da bebé. Aquela foto, que continua pendurada à frente da cama deles, cega-a todas as manhãs com o brilho da neve que derreteu depressa de mais, atordoando-a com o seu vapor violeta. Em geral não se vê lá nada, e só em raros momentos ressaltam do nevoeiro uns vultos pálidos como fantasmas, duas almas antigas que renasceram nos braços uma da outra.

É este quarto, diz, hesitando à entrada, é esta janela, ali estão as colinas, a última cama, está lá deitada de costas uma rapariga de cabelos castanhos, a tapar o rosto com as mãos. Olha que braço fino, parece o da Nitsan, mas não é possível, a Nitsan está no liceu, lembra-se aliviada, como se só esse facto refutasse o seu pensamento, porque, num momento aterrador, parece-lhe que no fosso que ultimamente se criou entre ela e a filha podem caber uma gravidez e um nascimento secreto, sim, um processo desses, do princípio ao fim. Aproxima-se da cama em bicos de pés, apenas para confirmar que se trata de pensamentos vãos dos quais se envergonhará; Nitsan está agora na escola, o seu corpo continua magro, ainda

não conheceu homem, não lhe esconderia uma aflição dessas, mas aquele corpo, aquela posição ensimesmada não lhe são estranhos, e sussurra, desculpe, só então a jovem mulher afasta os braços e diz numa voz surpreendida, Dina, o que faz aqui? Dina sacode a cabeça, não tem palavras, o que poderia dizer-lhe? O alívio por ela não ser a Nitsan deu lugar ao embaraço perante a sua aluna que, com o seu corpo delgado, sempre lhe lembrara a filha e, apesar disso ou talvez por causa disso, a sua presença despertava nela uma tensão desagradável, e a própria Noa, era este o seu nome, alimentava essa tensão com a sua atitude controversa nas aulas, que oscilava entre o desinteresse e uma participação exagerada e irritante.

Nas últimas semanas, para satisfação de Dina, desaparecera das aulas, e alguém lhe disse que ela estava com uma gravidez de risco, mais um pormenor que se lhe varreu da memória, não consegue seguir todas as gravidezes. Ali está ela, na sua cama, como se os milhares de mulheres que aí estiveram deitadas nunca tivessem existido, e antes de Dina conseguir encontrar as palavras para explicar a sua presença ali, Noa sorri-lhe e diz, fico muito sensibilizada por ter vindo visitar-me. Dina tenta retribuir o sorriso, juntando alguma verdade à mentira, a minha mãe está aqui hospitalizada e quando soube que deste à luz, passei por aqui para saber como estás. Quando Noa lhe agradece com um interesse exagerado pelo estado da mãe, o seu embaraço aumenta, porque desconhece o estado dela. Talvez naquele momento esteja a exalar o seu último sopro, ou a chamá-la para se despedir da filha que, sabe-se lá porquê, prefere estar à cabeceira de uma parturiente conhecida, mas nada querida. Decide então encurtar aquela visita não programada, olha, volto mais tarde, deixei-a sozinha e não estou descansada, e, para sua surpresa, o rosto de Noa espelha decepção, e ela pede, fique um pouco mais já que aqui está, nem sequer perguntou se tive um menino ou uma menina.

Ai, desculpa, diz Dina, esta manhã estou tão confusa, menino ou menina? Noa ri, como se lhe tivesse pregado uma partida, um menino e uma menina, declara, gémeos, e aquelas palavras desencadeiam imediatamente em Dina repulsa e atração insuportáveis, porque, por um lado, a sua vontade é desaparecer dali a correr sem se despedir nem felicitá-la, precipitar-se pelos corredores afastando tudo o que lhe apareça pelo caminho, mas ao mesmo tempo deseja ardentemente enfiar-se na cama da jovem, apertá-la contra o coração e nunca mais a largar.

Diga-me, também se sentiu um pouco esquisita depois do parto?, sussurra Noa, a olhar para todos os lados para ver se ninguém a ouve, é o contrário do que esperava, queria tanto esta gravidez, e agora sinto que a minha vida acabou, os bebés causam-me repugnância, parecem carne crua; também sentiu o mesmo? Dina escuta aquela súplica com o coração pesado, não te preocupes, Noa, acontece a muitas mulheres, os primeiros dias depois do parto são difíceis e agitados, vai passar, garanto-te. Os olhos que a observam, lavados em lágrimas, revelam uma tristeza tão profunda que é como se se tivesse ajoelhado e espreitado para um poço, e então diz, se não te sentires melhor daqui a umas semanas, vai ao médico, pode ser depressão pós-parto, ele dá-te um medicamento e tudo se arranjará, eu não me senti assim, mas à minha mãe aconteceu o mesmo depois do meu nascimento, palavras que a espantam muito mais do que à sua interlocutora, porque nunca tinham sido pronunciadas, nunca aquele pensamento fora explícito, mas agora que está diante de dois buracos negros sabe-o com uma clareza que não necessita de explicações que de qualquer maneira naquele momento também não são possíveis e talvez nunca o venham a ser.

Senta-se, exausta, na cadeira vazia ao lado da cama da mãe. O irmão deve ter saído agora mesmo porque o seu cheiro ainda paira no ar, tão intenso que ela tem a impressão de ter de o afastar

para se sentar, um cheiro forte de homem que procura a todo o custo apagar as marcas do seu corpo e se asperge de perfumes fortes e sufocantes. Naquele tempo ninguém no *kibutz* deles ouvira falar de perfume para homem, só Avner se tornava alvo de chacota, com os seus cosméticos e penteados meticulosos, às vezes até lhe parecia que ele se borrifava às escondidas com produtos limpeza de casa de banho. Como é que ele se atreveu a abandonar o posto antes de ela chegar?, admira-se. Ao mesmo tempo fica satisfeita com a ausência dele, assim não há necessidade de fingir, de esconder o alvoroço cuja origem a envergonha, porque o que a motiva não é a dor pela velha mãe ali estendida à sua frente, com a camisa de noite rasgada como se tivesse sido cruelmente violada e o peito nu sarapintado de elétrodos brancos como marcas de sucção do anjo da morte, a boca desdentada escancarada numa queixa eterna ao lado da máscara de oxigénio afastada, o pescoço torto e a traqueia estranhamente retorcida. Olha para aquela imagem horrível com impaciência, sem espanto sequer, como se a mãe lhe tivesse aparecido sempre com aquela fealdade que é costume esconder, como se sempre a tivesse visto assim, mesmo quando era jovem e saudável, e atravessava no seu passo sonhador os caminhos do *kibutz*.

Sente náuseas ao reparar nas bolsas da pele mirrada, imagina os seus lábios a lamberem aquela pele, à procura dos mamilos. Mesmo que tenham passado dezenas de anos desde então, os lábios são os mesmos, bem como os mamilos que o tecido roto procura esconder agora com pétalas cinzentas. É a camisa de noite de Veneza que lhe comprou lá há pelo menos dez anos e que ela nunca usou, apercebe-se agora, e a recordação daquela viagem provoca-lhe uma dor aguda, será que foi lá que teve início algo cujos efeitos duram até esta manhã, será que foi lá que aceitou algo que não devia ter aceitado?

Tinham deixado a pequena Nitzan com a mãe, foi a primeira vez que viajaram sem ela, e foi então que a vida deles seguiu rumos

diferentes, porque ela ansiava por um reavivar dos primeiros tempos do seu amor, tinha saudades daquele arrebatamento que os envolvia. A maioria dos casais à sua volta só estavam interessados em si próprios, entre gôndolas e pombos, pontes e canais, mas Gideon estava interessado nos outros e não nela, sempre de um lado para o outro com a máquina fotográfica, visava como um franco-atirador e disparava várias vezes sobre o alvo. O que achas de eu sugerir ao jornal uma reportagem sobre casais amorosos em Veneza?, perguntara, e ela respondera, claro, que excelente ideia, tentando esconder a ofensa, porque ele reparara em todos os pormenores, mas não no vestido novo que ela usara ao jantar, curto e justo, e no batom brilhante que comprara para a viagem.

O que queres?, assim vai o mundo, pensa, tentando consolar-se, quando ele se senta à sua frente no restaurante e olha para lá do ombro dela. Quando a Nitsan está ao seu lado, aquilo incomodava-a menos, mas sem ela ali tinha a sensação de que os dias eram insuportavelmente longos e o desejo de prazer transformou-se para ela em tortura, e a verdade é que já queria voltar para casa. A beleza da cidade tornou-se pesada e ameaçadora quando tentava seguir de longe a rotina da filha, agora acorda, agora vai para o jardim infantil, agora regressa. Ao passear ao lado dele de palácio em palácio, sentia uma tristeza profunda, como se nunca mais voltassem a ver-se, e, em vez de apreciar a beleza dos lugares, olhava para os filhos dos turistas que passavam por eles, com dificuldade em suportar a visão de crianças quando a sua filha não estava a seu lado, e as suas orelhas arrebitavam ao som da voz delas. Parecia-lhe que estavam sempre a chamá-la, não pelo nome que os pais lhe tinham posto à nascença, mas pelo que a filha lhe dava, mãe, mãe, gritavam as crianças nas suas vozes claras, mãe, olha como eu salto, estou com fome, mãe, estou cansada, tenho saudades.

Para Hemda Horowitz, chegou o momento de acertar contas consigo própria. Quais as escolhas acertadas que fez ao longo da vida? E como será o tempo que lhe resta, agora que se encontra confinada a uma cama de hospital? As horas e os dias sucedem-se e Hemda é assaltada impiedosamente por lembranças: o *kibutz* da infância, a figura severa do pai, o lago que era o seu único consolo, um casamento sem amor e a incapacidade de amar os filhos, Avner e Dina, de igual modo. Avner, o filho adorado, cresceu e tornou-se num homem angustiado com a vida que leva, desiludido com o trabalho e preso a um casamento falhado; Dina pôs de lado a carreira para criar a filha, Nitzan, tentando dar-lhe tudo aquilo que ela própria nunca recebeu da sua mãe, mas acabando por ser tomada por um desejo incontrollável de adotar uma criança, contra tudo e todos. E é durante as muitas visitas que os filhos fazem à sua mãe no hospital que os fragmentos do passado se ligam ao presente, fazendo ressurgir medos e arrependimentos, sonhos e frustrações, num balanço de vidas pontuadas por uma incessante procura da felicidade.

«Com um olhar sempre incisivo na complexidade das relações familiares, Shalev lança o leitor numa história turbulenta de escolhas impossíveis.»

The Guardian

«Uma poderosa exploração da família, sexo e maternidade.»

The New York Times Book Review

ELSINORE entre nós e as palavras 20 20 editora	ISBN 978-989-564-082-1  9 789895 640621 Literatura Traduzida
YOU ARE WELCOME TO WWW.ELSINORE.PT	